



**IES EAD**

Instituto Educacional Sampa  
Cursos EAD



# PÓS GRADUAÇÃO

## Apostila

# DIDÁTICA E METODOLOGIA DO ENSINO SUPERIOR



## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	03
2 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO BRASILEIR.....	04
2.1 Análise práticas didático-metodológicas.....	06
2.2 Tecnologias Educacionais e a prática didático-metodológica.....	14
2.3 Processo de Avaliação.....	19
3 REFERÊNCIAS.....	23



## 1. INTRODUÇÃO

Bem-vindos Alunos;

É com alegria que nós oferecemos e disponibilizamos mais um material de qualidade para complementar seus estudos e ajudar na sua formação profissional. Este material traz um conteúdo que o auxiliará durante seu curso e conta com os seguintes tópicos:

Breve história da Educação Brasileira: que irá trazer como surgiu a educação no Brasil bem como sua evolução ao longo do tempo;

Análise práticas didático-metodológicas: que conta como deveria ser a formação do docente adequada e quais didáticas este pode explorar, montando uma boa metodologia de estudos a fim de garantir o ensino dos alunos;

Tecnologias Educacionais e a prática didático-metodológica: que vem para aprimorar as ferramentas de ensino levando em conta o que o professor precisa saber na hora de utilizar as tecnologias educacionais como metodologia de ensino;

Processo de Avaliação: que mostra como deve ser feito o processo de avaliação dos alunos, excluindo o modelo tradicionalista e adotando novas práticas de avaliação até mais eficazes do que aquele modelo antigo.

Sendo assim, o objetivo deste material é fazer com que todos possam aprender e compreender como funciona a didática e as metodologias de ensino. Espera-se que tenham êxito na leitura e possam colocar em prática o que aqui foi exposto.

Ótimos Estudos!



## 2. BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA



Fonte: [www.gazetadopovo.com.br](http://www.gazetadopovo.com.br)

Este estudo visa abordar as competências docentes junto à prática pedagógica no ensino superior, além dos principais fatores que fazem parte do processo de ensino-aprendizagem em sala de aula. A importância de um planejamento didático para cada aula faz com que ela seja mais interessante para os discentes e faz com que eles tenham mais curiosidade em aprender, diferenciando-se do modelo tradicional de ensino.

Pensando nisso, este estudo mostra a importância das práticas metodológicas tanto para docentes que passam a se organizarem melhor, mas também para os alunos do ensino superior que ganham mais destaque pelo interesse que surge em aprender de maneira diferente e variada, levando em consideração o grande avanço tecnológico que está a favor de docentes e discentes para fazerem pesquisas mais avançadas, aumentando assim seu conhecimento pessoal e profissional.

Diante do processo de evolução e mudança que a educação vem passando e pelo fato de ter grande importância na vida dos professores e na formação dos alunos,



este estudo visa abordar a didática e metodologia no ensino superior e como elas devem e podem ser colocadas em prática em sala de aula.

Esse planejamento e essas abordagens didático-pedagógicas e/ou metodológicas são extremamente importantes na sala de aula, pois é através do planejamento que o professor poderá fazer uma avaliação, de acordo com seu próprio método e não com método tradicional e repetitivo.

Dessa forma, docentes e discentes estarão aptos a aprenderem uns com os outros, porque quando o professor passa a planejar uma aula de acordo com cada indivíduo ele aprende mais e, conseqüentemente, os alunos também se interessam mais pelas aulas e conteúdos diferentes.

Na década de 1990 e no início da década de 2000, ocorreram transformações na organização do trabalho resultantes do avanço da tecnologia, possibilitada pelo processo de globalização. Nesse sentido, era necessário um novo tipo de homem que estivesse a mercê de seu panorama histórico, o qual poderia ser formado por meio da escola.

Nos anos 90, proposições feitas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) são debatidas em encontros no sentido de buscar a adoção de uma base comum para os cursos de formação de professores. A formação inicial assim concebida vem ao encontro do modelo aplicacionista do conhecimento (TARDIF, 2002), já que busca a interação entre os diferentes campos do conhecimento que constroem as competências dos professores, e a prevalência de eixos transversais articuladores entre os campos teóricos e práticos, assim com a dialética que pauta a sua relação (CRUM, 2000). Para isso é preciso criar um conjunto de condições metodológicas e práticas que orientam as finalidades da escola. De acordo com Veiga (2016):

O documento referente às diretrizes pedagógicas da Enfam foi publicado por meio da Resolução n. 11/2015, trazendo no seu bojo orientações para responder aos desafios que se apresentam no cenário da formação de magistrados, com vistas à implementação de ações educacionais voltadas para o desenvolvimento de competências profissionais, em oposição ao modelo de aquisição de conhecimentos teóricos, o que demanda um trabalho de integração dos eixos teórico e prático no currículo e uma abordagem verdadeiramente humanista – com foco em quem aprende, e não em quem ensina. (VEIGA, 2016, p.4).



Conforme suas diretrizes pedagógicas, a Enfam compreende a competência como “[...] a capacidade de agir, em situações previstas e não previstas, com rapidez e eficiência, articulando conhecimentos tácitos e científicos, experiências sociais e de trabalho, comportamentos e valores, desejos e motivações” (BRASIL, 2015).

## 2.1 Análise práticas didático-metodológicas



Fonte: [www.biodidatica.blogspot.com](http://www.biodidatica.blogspot.com)

A discussão sobre a formação do professor tem ocasionando muitos debates nos últimos tempos, todavia, o conteúdo deles de alguma forma está refletindo na prática pedagógica de cada professor, permitindo-lhe uma reflexão mais profunda sobre a didática desenvolvida nas escolas e a apropriação do conhecimento. Ao longo da história da educação brasileira, percebe-se que o período maior foi nos anos 80,



que foi marcado pelas pedagogias tradicionais, tecnicista e nova que concebiam a didática de forma repetitiva.

Veiga (2016) ressalta que no contexto da competência, um dos maiores desafios é quanto à escolha das estratégias pedagógicas – como ensinar e aprender –, de modo a viabilizar o desenvolvimento de capacidades para o trabalho. Nesse sentido, as práticas que se destacam como propiciadoras desse novo modo de ensinar e aprender são aquelas que reservam o protagonismo para quem aprende, e não para quem ensina. São aquelas que o professor se coloca como um mediador entre o “aprendiz e o objeto do conhecimento, um facilitador da travessia do ponto obscuro das questões e inquietações iniciais para o ponto da formulação de hipóteses e construção de soluções” (VEIGA, 2016, p. 11).

Inicialmente é preciso mencionar aqui o conceito de didática, que está relacionada com a pedagogia, que é a ciência da educação e acaba sendo um instrumento integrado a esta ciência, que contribui no processo de aprendizagem. No entanto, apesar da pedagogia ser a ciência que trata da Educação, ela necessita de outras ciências como a psicologia, a biologia, a filosofia etc.

Em relação às correntes de aprendizagem, ela serve para compreender como a criança pensa e age, e isto está relacionado à didática. Na educação tradicional, vinda do século XVI, tem-se a impressão de que existe uma forma para ensinar independentemente do indivíduo.

Quando se analisa a pedagogia como ciência da educação, juntamente com as outras ciências e dependendo delas, percebe-se que há sentidos múltiplos em que se tem hoje uma crise na didática, porque se pode afirmar que não há um processo definido de ensinar. Antes a didática era compreendida como aquilo que o professor devia fazer e não deve fazer, hoje é preciso integrar isso a um processo, onde primeiro se conhece o aluno, o conteúdo e depois escolhe o método de ensino, ou seja, se renova hoje.

Desse modo, o papel do professor é insubstituível no processo de ensino-aprendizagem e também no envolvimento do estudante que participa na busca da verdade, confrontando seus conhecimentos – espontâneos, imediatos e contextualizados com os saberes e conteúdos do professor e da escola.



O professor exerce uma atividade profissional de natureza pública, que tem dimensão coletiva e pessoal, implicando simultaneamente autonomia e responsabilidade. O desenvolvimento profissional permanente é necessidade intrínseca à sua atuação e, por isso, um direito de todos os professores. A atuação do professor tem como dimensão principal a docência, mas não se restringe a ela: inclui também a participação no projeto educativo e curricular da escola, a produção de conhecimento pedagógico e a participação na comunidade educacional. Portanto, todas essas atividades devem fazer parte da sua formação.

O trabalho do professor visa ao desenvolvimento dos alunos como pessoas, nas suas múltiplas capacidades, e não apenas a transmissão de conhecimentos. Isso implica uma atuação profissional não meramente técnica, mas também intelectual e política. Além disso, é importante que o docente planeje a aula que dará naquele dia.

Gadotti (2006) define o planejamento como uma tarefa docente, que inclui tanto a previsão das práticas didáticas quanto a revisão e a adequação dos objetivos propostos no processo de ensino. Diante do processo de planejar, é preciso encarar o ato de ensinar como uma atividade consciente e organizada. Para que o plano seja um instrumento de orientação prática, ele precisa ser compreendido em seu contexto social.

A perspectiva interinstitucional – de parceria e cooperação entre diferentes instituições – também contribui decisivamente nesse sentido. O estabelecimento de relações cada vez mais estreitas entre as instituições de formação profissional e as redes de ensino é condição para um processo de formação de professores referenciado na prática real. Os projetos de desenvolvimento profissional só terão eficácia se estiverem vinculados a melhorias nas condições de trabalho, carreira e salário e a processos de avaliação. (MEC/SEF, 1999, p.18-19).

Existem três aspectos importantes na formação de um professor que o conhecimento da disciplina (teórico-científica), metodologias adequadas (didática) e o ambiente na sala de aula (prática). Pode-se dizer também que a formação do professor abrange duas dimensões sendo a teórico-científica e dimensão técnico-prática. A formação técnica-científico está relacionada ao conhecimento da disciplina que o professor irá lecionar como professor de matemática, de português, etc.



Na formação didática vão aprender as metodologias, ou melhor, as técnicas, os métodos que podem ser desenvolvidas para aplicação deste conhecimento na prática, e por isso é importante na formação do professor, o aspecto teórico e prático pois os dois elementos devem estar sempre interligados na formação do mesmo.

A educação se divide em informal e formal, sendo a informal ocorrendo em ambiente familiar, na igreja, no trabalho, etc. A educação formal ocorre em instituições de ensino ou em ambiente escolar. De acordo com Silva (2010):

Tais atribuições assumem variações e são influenciadas por múltiplas determinações do contexto histórico-social, em permanente mutação. Comumente é própria da função docente a socialização de saberes produzidos historicamente pela humanidade e o desenvolvimento de atividades correlatas a esse processo e que dão sustentação ao ensino e à operacionalização do currículo escolar, tais como: seleção dos conteúdos ensinados; criação de mecanismos para relacionar os conteúdos curriculares às experiências culturais e concretas dos estudantes; elaboração e/ou planejamento de metodologias de ensino; construção de planos de ensino; participação na elaboração do projeto político pedagógico e dos conselhos escolares; elaboração do processos de avaliação e aprendizagem. (SILVA, 2010, p.2).

O exercício profissional do professor compreende ao menos três atribuições: “a docência, a atuação na organização e na gestão da escola, e a produção de conhecimento pedagógico” (LIBÂNEO; TOSCHI; OLIVEIRA, 2012, p. 431).

Evidentemente, é preciso lembrar que para uma educação de qualidade necessita-se de professores e profissionais do ensino de uma remuneração de qualidade. A escola assim como a educação como um todo, integra um sistema social e tanto afeta a estrutura econômica e social como em maior medida é afetada por ela. “Isso demonstra uma relação de influencia mútua entre a sociedade, o sistema de ensino, a instituição escolar e os sujeitos” (LIBÂNEO; TOSCHI; OLIVEIRA, 2012, p. 415).

As políticas para a formação de profissionais da educação passaram por varias mudanças desde 1996 com a aprovação da LDB. A reforma educacional na década de 1990 fundamenta a formação docente nos aspectos à reordenação capitalista e como contraponto os objetivos para a formação de professores estabelecidos pelas entidades nacionais de educação.

Questões relacionadas com a formação do professor têm ocasionando muitos debates, e isso, de alguma forma estão refletindo na prática pedagógica de cada



professor Ao longo da história da educação brasileira, percebe-se que o período maior de debates e mudanças foram anos 80, marcado pelas pedagogias tradicionais, tecnicista e nova que concebiam a didática de forma repetitiva.

Com relação à formação inicial nas licenciaturas, Neira (2010) diz que há pouco investimento, e preocupações não tão pontuais no que tange às políticas públicas, quando se observa a realidade que envolve a universidade e a escola, enquanto agências formadoras. Nesse aspecto podemos concordar com a autora quando diz que existem poucos investimentos na formação de educação para os profissionais da área.

Na legislação brasileira há muitos direcionamentos para a formação inicial e continuada de professores, abordando aspectos essenciais para uma formação concisa baseados em referenciais teóricos importantes (ZATTI, 2007). Porém, a fiscalização nos cursos e instituições de nível superior é mínima no que diz respeito ao cumprimento de tais leis, diretrizes etc., bem como se inclui nesse processo o excesso de cursos de formação docente desconexos da realidade escolar.

Antunes (2002) diz que a formação inicial de professores da educação básica tem como responsáveis diretas as instituições superiores de ensino, que se encarregam de ensinar conteúdos teóricos, suscitar reflexões sobre a educação, e ainda organizar e coordenar as questões práticas, como o estágio curricular supervisionado e a prática de ensino.

A instituição escolar fica indiretamente encarregada por essa formação, restringindo sua ação às assinaturas de fichas e recepção dos estagiários, ainda que a legislação ofereça outras providências. Tanto os estagiários como os professores-colaboradores, em alguns artigos publicados, foram visto que lidam com pouco ou nenhum envolvimento da instituição escolar no que tange a orientações didático-pedagógicas no processo de estágio (CYRINO; SOUZA NETO, 2010).

Assim, as Instituições de formação (Universidade e Escola) não seguem a mesma “política educacional” no que tange ao desenvolvimento profissional dos estagiários, havendo necessidade de novos estudos para aprofundar esta temática. Araújo (2014) diz que a educação buscou-se o avanço com propostas curriculares que superassem o paradigma oficial que predominava nos cursos de formação superior



de professores da época, a Educação Física não conseguiu caminhar nessa mesma direção.

Benites (2012) diz que em muitos cursos de Educação Física, a metodologia, assentada nos pressupostos da pedagogia tradicional, continuou presente na prática dos professores. Com o ensino centrado no professor, os futuros profissionais não tinham a oportunidade de se expressar e, conseqüentemente, não encontravam espaços para manifestar o que tornaria significativo a sua formação. Por meio de conteúdos preestabelecidos, os docentes transmitiam apenas o proposto no programa de ensino.

Persistiu a ausência de articulação mais significativa entre os conhecimentos específicos e os conteúdos relacionados à metodologia e práticas pedagógicas, o que resultou num acúmulo de conhecimentos fragmentados que pouco contribuiu para uma prática pedagógica reflexiva e crítica dos futuros professores. Ainda, manteve-se presente uma formação eclética, sem assegurar um profissional preparado para o ensino da Educação Física na escola e para o segmento não escolar. (COSTA, 2010).

Saviani (1993) explica que a discussão sobre a formação do professor tem ocasionando muitos debates, todavia, o conteúdo deles de alguma forma está refletindo na prática pedagógica de cada professor, permitindo-lhe uma reflexão mais profunda sobre a didática desenvolvida nas escolas e a apropriação do conhecimento. Ao longo da história da educação brasileira, percebe-se que o período maior foi nos anos 80, que foi marcado pelas pedagogias tradicionais, tecnicista e nova que concebiam a didática de forma repetitiva.

Pitano e Gihiggi (2009) explicam que inicialmente é preciso mencionar aqui o conceito de didática, que está relacionada com a pedagogia, que é a ciência da educação e acaba sendo um instrumento integrado a esta ciência, que contribui no processo de aprendizagem. No entanto, apesar da pedagogia ser a ciência que trata da Educação, ela necessita de outras ciências como a psicologia, a biologia, a filosofia etc.

Em relação às correntes de aprendizagem, ela serve para compreender como a criança pensa e age, e isto está relacionado à didática. Na educação tradicional, vinda do século XVI, tem-se a impressão de que existe uma forma para ensinar independentemente do indivíduo. Carvalho (2006) menciona que, quando se analisa



a pedagogia como ciência da educação, juntamente com as outras ciências e dependendo delas, percebe-se que há sentidos múltiplos em que se tem hoje uma crise na didática, porque se pode afirmar que não há um processo definido de ensinar. Paulo Freire (1982) complementa dizendo que:

Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um quefazer educativo em si mesmo. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos. (FREIRE, p. 126, 1982)

Desse modo, Martins (2002) reitera dizendo que o papel do professor é insubstituível no processo de ensino-aprendizagem e também no envolvimento do estudante que participa na busca da verdade, confrontando seus conhecimentos espontâneos, imediatos e contextualizados com os saberes e conteúdos do professor e da escola. O professor exerce uma atividade profissional de natureza pública, que tem dimensão coletiva e pessoal, implicando simultaneamente autonomia e responsabilidade. O desenvolvimento profissional permanente é necessidade intrínseca à sua atuação e, por isso, um direito de todos os professores.

A atuação do professor tem como dimensão principal a docência, mas não se restringe a ela: inclui também a participação no projeto educativo e curricular da escola, a produção de conhecimento pedagógico e a participação na comunidade educacional. Portanto, todas essas atividades devem fazer parte da sua formação. O trabalho do professor visa ao desenvolvimento dos alunos como pessoas, nas suas múltiplas capacidades, e não apenas a transmissão de conhecimentos. Isso implica uma atuação profissional não meramente técnica, mas também intelectual e política (REVERDITO; SCAGLIA, 2009).

Gadotti (2006) define o planejamento como uma tarefa docente, que inclui tanto a previsão das práticas didáticas quanto a revisão e a adequação dos objetivos propostos no processo de ensino. Barbosa (2005) explica que existem três aspectos importantes na formação de um professor que o conhecimento da disciplina (teórico-científica), metodologias adequadas (didática) e o ambiente na sala de aula (prática). Pode-se dizer também que a formação do professor abrange duas dimensões sendo a teórico-científica e dimensão técnico-prática. A formação técnica-científica está



relacionada ao conhecimento da disciplina que o professor irá lecionar como professor de matemática, de português, etc.

Na formação didática vão aprender as metodologias, ou melhor, as técnicas, os métodos que podem ser desenvolvidas para aplicação deste conhecimento na prática, e por isso, Nunes (2001) diz que é importante na formação do professor, o aspecto teórico e prático, pois os dois elementos devem estar sempre interligados na formação do mesmo. A educação se divide em informal e formal, sendo a informal ocorrendo em ambiente familiar, na igreja, no trabalho, etc. A educação formal ocorre em instituições de ensino ou em ambiente escolar.

A autonomia dos sujeitos deverá iniciar com o professor estimulando processos criativos e enriquecedores de soluções motoras e cognitivas, com humanização dos gestos motores-técnicos, respeitando aquilo que o aluno já sabe e, a partir desse ponto, permitir um novo aprendizado, colocando situações que permitirão ao aluno tomar consciência de suas ações em diferentes níveis. (SCAGLIA; SOUZA, 2004, apud REVERDITO; SCAGLIA 2009, p. 139)

O exercício profissional do professor compreende ao menos três atribuições: “a docência, a atuação na organização e na gestão da escola, e a produção de conhecimento pedagógico” (LIBÂNEO; TOSCHI; OLIVEIRA, 2012, p. 431). As políticas para a formação de profissionais da educação passaram por várias mudanças desde 1996 com a aprovação da LDB. A reforma educacional na década de 1990 fundamenta a formação docente nos aspectos à reordenação capitalista e como contraponto os objetivos para a formação de professores estabelecidos pelas entidades nacionais de educação.

Quanto ao processo de avaliação, toda a ação de um professor seja na relação dos conteúdos ou na eleição de procedimentos e técnicas de ensino e procedimentos de avaliação, estarão condicionadas pelos pressupostos teórico-metodológicos que aparece explícito ou implicitamente em sua prática (LIBÂNEO, 2009).

Segundo Hoffman (2008), ainda que houvesse um avanço no conceito e compreensão da avaliação da aprendizagem, a polêmica em torno dela ainda continua grande. Avaliar é muito mais do que aplicar instrumentos de verificação de aprendizagem, implica em excitar os estudantes em busca da construção de novos conhecimentos favorecendo assim, a abertura de um espaço de diálogo, orientação, informação, observação etc. Hoffman (2008) afirma que se deve fazer uma análise



qualitativa que contemple múltiplas dimensões sendo conteúdos, atividades, sendo o estudante o centro dessa análise.

As tendências liberais apesar de repensar o lugar do professor vendo-se como auxiliar no desenvolvimento do aluno permanecem sem perceber o caráter histórico e social da educação, servindo ao modelo vigente. Antunes (2002, p. 13) afirma que “de sua nota um instrumento de sadismo ou sua maneira egocêntrica de selecionar os bons e os maus”. Avaliar em um processo educacional deve assumir um compromisso com o avanço para entender os objetivos e direitos de aprendizagem; ela indicará procedimentos para dinamizar ou corrigir o processo. Assim, o aluno terá mais interesse em aprender e participar de avaliações que faça com que ele se destaque devido as diferentes formas e métodos de se avaliar. (ANTUNES, 2002).

## 2.2 Tecnologias Educacionais e a prática didático-metodológica



Fonte: [www.blog.trivium.com.br](http://www.blog.trivium.com.br)

Diante tanta inovação no ensino nas escolas é necessário que, além de recursos oferecidos e disponíveis, é preciso destacar a importância do profissional



que estará à frente do ensino. A tecnologia facilita a transmissão da informação, mas o papel do professor continua sendo fundamental na escolha e na utilização do meio. Por isso, é importante buscar uma transformação cultural que envolva o treinamento de professores e o engajamento de alunos. Nesse sentido, Machado e Lima (2017) pontuam que:

Nessa movimentação da educação x tecnologia têm particularidades a ser vencida, a resistência, pois muitos professores do ensino médio não utilizam a tecnologia como aliada. Preferem fazer de suas aulas, palestras. A tecnologia é de primordial necessidade, pois promove oportunidades de aprendizagem e interatividade tanto para o professor como para o aluno. A escola é um local de constante transformação e a tecnologia educacional é uma dessas ferramentas para a transformação (MACHADO, LIMA, 2017, p.2).

Não basta somente que se tenham recursos disponíveis se não tiver um professor que defenda e saiba utilizar e lidar com as tecnologias disponíveis para a educação. A importância de um bom planejamento e uma estratégia de ensino que o professor precisa elaborar para cada aula é de suma importância. A pedagogia tecnicista aparece nos Estados Unidos na segunda metade do século XX e é introduzida no Brasil entre 1960 e 1970, onde proliferou o que se chamou de tecnicismo educacional inspirado nas teorias behavioristas da aprendizagem e da abordagem sistêmica do ensino, buscando adequar a educação às exigências da sociedade industrial e tecnológica. Assim, conforme Moran (2000) explica, o papel do professor divide em:

**Orientador/mediador intelectual** – informa, ajuda a escolher as informações mais importantes, trabalha para que elas sejam significativas para os alunos, permitindo que eles a compreendam, avaliem – conceitual e eticamente -, reelaborem-nas e adaptem-nas aos seus contextos pessoais. Ajuda a ampliar o grau de compreensão de tudo, a integrá-lo em novas sínteses provisórias. **Orientador/mediador emocional** – motiva, incentiva, estimula, organiza os limites, com equilíbrio, credibilidade, autenticidade e empatia. **Orientador gerencial e comunicacional** – organiza grupos, atividades de pesquisa, ritmos, interações. Organiza o processo de avaliação. É a ponte principal entre a instituição, os alunos e os demais grupos envolvidos (comunidade). Organiza o equilíbrio entre o planejamento e a criatividade. O professor atual como orientador comunicacional e tecnológico; ajuda a desenvolver todas as formas de expressão, interação, de sinergia, de troca de linguagens, conteúdos e tecnologias. **Orientador ético** – ensina a assumir e vivenciar valores construtivos, individual e socialmente, cada um dos professores colabora com um pequeno espaço, uma pedra na construção dinâmica do “mosaico” sensorial-intelectual-emocional-ético de cada aluno. Esse vai valorizando continuamente seu quadro referencial de valores, ideias,



atitudes, tendo por base alguns eixos fundamentais comuns como a liberdade, a cooperação, a integração pessoal (MORAN, 2000, p.30-31).

Esta educação atua no aperfeiçoamento do sistema capitalista, que é a ordem social vigente, articulando-se diretamente com o sistema produtivo, cujo interesse é produzir indivíduos competentes para o mercado de trabalho, onde é valorizado nesta perspectiva não o professor, mas sim a tecnologia.

Assim, as práticas pedagógicas contam com três teorias didáticas inovadoras que são: a visão sistêmica que busca a compreensão da fragmentação do conhecimento, o resgate do ser humano em sua totalidade, considerando o homem com suas inteligências múltiplas, levando a formação de um profissional humano, ético e sensível.

A abordagem progressista tem como pressuposto central a transformação social. Instiga o diálogo e a discussão coletiva com forças propulsoras de uma aprendizagem significativa e contempla os trabalhos coletivos, as parcerias e a participação crítica e reflexiva dos alunos e dos professores.

O ensino com pesquisa pode provocar a superação da reprodução para a produção do conhecimento com autonomia, espírito crítico e investigativo. Masetto (2001, p. 87) reforça que:

a importância da integração entre o processo de ensino-aprendizagem e a pesquisa, uma vez que a responsabilidade pela busca de informações, pela iniciativa de localizá-las e analisá-las faz parte da formação do futuro professor. Tal prática reforça o currículo oculto de um curso em que o vivenciado pelos alunos com o professor contribui para sua formação. Dificilmente o aluno incluirá a investigação em seu processo de aprendizagem se o professor também não o fizer em sua atividade docente, isto é, se o professor não aprender também ele a atualizar seus conhecimentos por meio de pesquisas, de leituras, de reflexões pessoais, de participação em congressos. (MASETTO, 2001, p.87).

O professor passa a ser um mero especialista sendo, apenas, um elo entre a verdade científica e o aluno. A prática escolar nessa pedagogia tem como função especial adequar o sistema educacional com a proposta econômica e política do regime militar, preparando, dessa forma, mão de obra para ser aproveitada pelo mercado de trabalho. É nesse período que o espírito crítico e reflexivo é banido das escolas.



Para estas tendências, o ensino é um processo de condicionamento através do uso de reforçamento das respostas que se quer obter, sendo o conteúdo as informações objetivas que possam proporcionar ao fim do processo, a adequada adaptação do indivíduo ao trabalho.

Os conteúdos de ensino desta tendência são baseados em informações e princípios científicos de leis, estabelecidos e ordenados em uma sequência lógico-psicológica, ou seja, os conteúdos devem estar embasados na objetividade do conhecimento. Seus métodos são programados por passos sequenciados, empregada na instrução programada, nas técnicas de micro ensino, multimeios, módulos inclusive a programação de livros.

A educação tecnológica vem assumindo o tradicional papel na formação técnico-profissional, não se limitando à aplicação de conhecimentos, mas desenvolvendo-os mediante a compreensão das transformações científicas e tecnológicas que marcam nosso século. A instituição escolar não mais a única porta de acesso ao conhecimento. A informação está disponível em diversos meios de comunicação como a rede informatizada e a televisão.

A escola que adota a didática do ensino com a pesquisa, se consolida como um espaço produtivo que oferece tecnologia e informações capazes de colaborar com o exercício da cidadania e a formação ética. Para isso, aponta Behrens (2009, p. 82), “a escola precisa proporcionar um ambiente em que os professores e alunos possam gerar projetos conjuntos e que propiciem a produção do conhecimento”.

O trabalho com projetos interdisciplinares é o foco principal do ensino com pesquisa. Conduzir e construir temas de pesquisas coletiva, exige, do professor, uma postura pedagógica. Ele precisa deixar de ser o dono do saber para ser um profissional que atua como orientador e parceiro do aluno. Behrens (2009) afirma que:

A metodologia do ensino com pesquisa pode criar um ambiente inovador e participativo na escola e na sala de aula, pois se torna necessário reduzir espaço de aulas expositivas para pesquisar, buscando informações, acessando recursos informatizados e leituras para instrumentalizar a elaboração de projetos (BEHRENS, 2009, p. 91)

Vygotsky (1984), “o desenvolvimento dos conceitos espontâneos da criança acontece de maneira ascendente e o de seus conceitos científicos de maneira descendente” (apud POZO, 1998, p. 202).



Assim, ao ensinar conhecimentos já construídos, o professor reconstrói pelos questionamentos, pelas problematizações, pelas relações que faz em determinado contexto sociocultural; este processo, chamado de recontextualização, é produtor de conhecimentos, que não são os mesmos das ciências nas suas origens, mas, ao serem apropriados pelos educandos, adquirem sentido para que esses se tornem também produtores de novos conhecimentos; na prática pedagógica, ele produz métodos, técnicas, orientações, que conformam conhecimentos próprios da Pedagogia.

[...] o educador nunca estará definitivamente “pronto”, formado, pois que sua preparação, sua maturação se faz no dia a dia, na mediação teórica sobre sua prática. A sua constante atualização se fará pela reflexão diurna sobre os dados de sua prática. Os âmbitos do conhecimento que lhe servem de base não deverão ser facetadas, estanques e isoladas de tratamento do seu objeto de ação: a educação. Mas serão, sim, formas de ver e compreender globalmente, na totalidade, o seu objeto de ação. (CADAU, 2000, p.89).

É notório que o professor que desenvolve uma didática e tem um planejamento de suas aulas tem grandes chances de se tornar querido pelos alunos. Um docente que preparar uma boa aula e tem um jeito de ensinar mais compatível com os alunos acaba sendo o que todos querem ter. Porém, para ter essa didática não precisa nascer com ela, basta se preparar profissionalmente e acima de tudo, gostar do que faz que seja ensinar.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a postura do professor na sala de aula deve ser democrática, de respeito mútuo e de flexibilidade em relação ao ponto de vista do aluno, sabendo associar sua mediação ao conhecimento dos discentes, ampliando esse conhecimento de forma a somar com o já adquirido pelo aluno no meio social em que vive. É importante saber qual é a visão do aluno em relação a um determinado assunto, pois é dessa forma que o professor mediador constituirá um caminho para ampliar esse ponto de vista ou até mesmo reverter essa ideia que poderá ser equivocada. (ALMEIDA, 2015, p.3).

Um professor com vontade de ensinar e querer ensinar de acordo com o que se encaixa nos alunos é muito importante para conseguir alcançar um objetivo, no caso, a aprendizagem. Portanto, a didática deve estar sempre presente no projeto de ensino de todo professor independente do nível de ensino em que este trabalhe.

Diante disso, a didática se torna indispensável para o processo de ensino e aprendizagem de alunos do ensino superior.



Ainda em tempo, é importante destacar aqui o papel da didática no ensino, sendo ajudar os alunos a pensar de acordo com a formação de conceitos, ajudar o aluno a dominar o modo de pensar, agir e investigar a disciplina ensinada, observar o estado emocional do aluno antes de aplicar uma didática.

Especificamente no ensino superior, sua expansão tem demandado cada vez mais professores qualificados tanto para responder às exigências curriculares, quanto para a condução didática da classe. Sendo assim, os saberes pedagógicos revelam-se essenciais para o trabalho docente, o qual demanda o estabelecimento de relações mais orgânicas entre os saberes da formação pedagógica e os saberes construídos na prática por meio do estímulo a mudança, na construção de novos significados (SILVA, 2018, p.205).

A análise de conteúdo da disciplina a ser estudada deve ser analisada para se chegar ao efetivo ensino. Além do mais, é de suma relevância o docente saber as individualidades de cada aluno, a fim de poder entender suas dificuldades e o desempenho acadêmico.

Contudo, existem inúmeras formas do professor tornar as aulas mais didáticas e interessantes, podendo adotar conforme a disciplina seminários, estudos de textos, estudos dirigido, jogos, realizar trabalho em grupos de modo que os alunos se interajam e possam desenvolver junto o que foi proposto. Logo, o professor também pode utilizar de aulas expositivas para mostrar mais enfoque nos conteúdos que considerar importante para os alunos, entre outros métodos de ensino eficazes que podem ser utilizados.

### 2.3 Processo de Avaliação

A avaliação educacional sob diversos enfoques é objeto de grandes debates no Brasil desde a década de 30. Nos últimos anos, a reflexão sobre essa temática intensificou-se, assumindo concepções epistemológicas diversas, bem como objetos de estudo. No que tange a educação, é possível afirma que as pesquisas no campo de avaliação começam a se expressar em meados da década de 70.

O planejamento, a metodologia, o diálogo, são essenciais para o sucesso da aula. Estar aberto a indagações, questionamentos, à curiosidade dos alunos, faz do professor um ser que ensina, respeita, e não um ser que só transfere conhecimento, a ação do professor precisa estar embasada também em fins



pedagógicos de amplitude, pois trabalhar somente o meio social do aluno pode significar que a intenção da escola é aprisioná-lo numa realidade limitada, onde o mesmo não poderia ser nada além do que previsto por ela. É de fundamental importância trabalhar técnicas voltadas à realidade e meio social em que o aluno está inserido, porém não se deve focar somente nesse contexto, engessando a sua aprendizagem de forma a torná-lo limitado em sua comunidade ou meio social. (ALMEIDA, 2015, p.6).



Fonte: [www.blog.academia.com.br](http://www.blog.academia.com.br)

Toda a ação de um professor seja na relação dos conteúdos ou na eleição de procedimentos e técnicas de ensino e procedimentos de avaliação, estarão condicionadas pelos pressupostos teórico-metodológicos que aparecem explícitos ou implicitamente em sua prática (LIBÂNEO, 2009). Para Palma et.al. (2010):

A avaliação escolar precisa ser extraída do projeto pedagógico da escola. Afinal, é nele que estará definida a perspectiva educacional norteadora das ações educativas. Sendo assim, deve-se avaliar tanto a ação docente quanto a ação discente. (PALMA et. al., 2010, p.205).

O objetivo do processo de avaliação é que os alunos aprendam a desenvolver suas capacidades físicas e intelectuais, seu pensamento independente e criativo. diferentes para os alunos pois podem gerar sentimento de rejeição ou um sentimento de que a avaliação de um seja mais difícil que a do outro.



Segundo Hoffman (2008), ainda que houvesse um avanço no conceito e compreensão da avaliação da aprendizagem, a polêmica em torno dela ainda continua grande. Desse modo, para Hoffman, avaliação é reflexão e a capacidade do ser humano pensar seus atos, analisá-los interagindo com o mundo e com as outras pessoas que influenciam e sofrem influencia no pensar e agir. Wachowicz (2006) destaca que:

A aprendizagem é um processo que tem a duração de toda a vida e somente pode ser realizado pela pessoa que tem a intencionalidade, ainda que inconsciente de aprender. A avaliação também só pode ser realizada pela pessoa que está vivenciando a aprendizagem, porque os dois processos, avaliação e aprendizagem, estão tão intimamente ligados que um não existe sem o outro. (WACHOWICZ, 2006, p.138 – 139).

Avaliar é muito mais do que aplicar instrumentos de verificação de aprendizagem, implica em excitar os estudantes em busca da construção de novos conhecimentos favorecendo assim, a abertura de um espaço de diálogo, orientação, informação, observação etc. Hoffman (2008) afirma que se deve fazer uma análise qualitativa que contemple múltiplas dimensões sendo conteúdos, atividades, sendo o estudante o centro dessa análise.

As tendências liberais apesar de repensar o lugar do professor vendo-se como auxiliar no desenvolvimento do aluno, permanecem sem perceber o caráter histórico e social da educação, servindo ao modelo vigente. A avaliação neste período tinha como função classificar, medir, selecionar, e muitas vezes era um instrumento de punição. Isto era confirmado pela tensão dos alunos no momento da prova e pela postura autoritária do professor já que tal prática mantinha sua imagem de professor exigente. Antunes (2002, p. 13) afirma que “de sua nota um instrumento de sadismo ou sua maneira egocêntrica de selecionar os bons e os maus”.

Avaliar em um processo educacional deve assumir um compromisso com o avanço para entender os objetivos e direitos de aprendizagem; ela indicará procedimentos para dinamizar ou corrigir o processo. Assim, o aluno terá mais interesse em aprender e participar de avaliações que faça com que ele se destaque devido as diferentes formas e métodos de se avaliar.

Ao se conhecer novas teorias pedagógicas e didáticas, adquirem-se novas ferramentas para instrumentalizar a pratica docente. Assim, a ausência de ações



didáticas impede o professor de organizar um plano de ação, ou um plano de atividades que procure colocar em prática os princípios teóricos aprendidos.

Para transformar a prática docente é preciso iniciar pelo elemento central da atividade pedagógica que são as aulas que precisam ser repensadas, analisadas e reorganizadas e para conseguir fazer tudo isso de forma exemplar é preciso que se tenha planejamento.

Os principais elementos constituintes da prática como componente curricular e que mais contribuem para o desenvolvimento das competências pedagógicas dos estudantes-professores, destacou-se: a realização do planejamento das aulas, a possibilidade de aproximação do contexto escolar, o acompanhamento do professor-formador, as reflexões e os debates sobre a prática pedagógica, a inserção lenta e gradativa no mundo da docência e o contrato da tecnologia no âmbito escolar.

O planejamento ajuda o docente a organizar e planejar, além de provocar mudanças profundas nas aulas. A estrutura didática de uma aula depende de preparação e introdução da matéria, tratamento didático do assunto novo, aprimoramento dos conhecimentos e avaliação. É preciso que os alunos também estejam preparados para aprender e para isso, é preciso que tenham a curiosidade e o interesse nas aulas que dependerá de como o docente planejará as aulas.

E, por fim, vale ressaltar que o planejamento, a metodologia, o diálogo são indispensáveis para que alcance os objetivos da aula, que é o aprendizado. Sendo assim, o docente precisa estar aberto a questionamentos dos alunos, às suas curiosidades e suas dúvidas, pois, o professor é um ser que ensina e respeita o próximo, e, por isso, o docente deve analisar desde a individualidade de cada aluno até o meio social e cultural em que vive, para que possa levar conhecimento e ensinamento eficaz a seus alunos.



### 3 REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **A avaliação da aprendizagem escolar: fascículo 11**. Petrópolis: Vozes, 2002.

ARAÚJO, S. R. P. M. **Acolhimento no estágio: entre modelos e possibilidades de formação docente**. 2014. 202f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.

BENITES, L. C.. **O professor-colaborador no estágio curricular supervisionado em educação física: perfil, papel e potencialidades**.. 2012a. Tese (Doutorado em Ciências da Motricidade) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Motricidade. Unesp, campus de Rio Claro, 2012.

BRASIL. Escola Nacional de Aperfeiçoamento de Magistrados, Resolução n. 11 de 7 de abril de 2015. Disponível em <<http://www.enfam.jus.br/institucional/legislacao/resolucoes-da-enfam/>>. Acesso em 10 de Mar de 2020.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referenciais para a formação de professores. Brasília, DF: MEC/SEF, 1999.

CADAU, Vera Maria. **Reinventar a escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000 a.

CARVALHO FLSF. **O papel da educação física escolar representado por professores e professoras de outras disciplinas** [dissertação]. Juiz de Fora(MG): Universidade Federal de Juiz de Fora; 2006.

COSTA, B. V. . **A manifestação dos saberes docentes na prática pedagógica de professores de educação física iniciantes e experientes**. Dissertação (Mestrado em Educação). 2010. Programa de Pós-Graduação em Educação, Unesp, campus Rio Claro. 163 p., 2010.

CRUM, B. **Funções e competências dos professores de educação física: conseqüências para a formação inicial**. Boletim SPEF, n.23, p.61-76, 2000.

DARIDO, S. C. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. V.18, n.1, p.61-80, jan/mar. 2004.

DARIDO, S. C. et al. **Educação física no ensino médio: reflexões e ações**. Motriz, v. 5, n. 2, p. 138-145, 1999. Disponível em: Acessado em 25 de setembro de 2019.



DE SOUZA NETO, S.; SARTI, F. M.; CYRINO, M. O Grupo DOFPEN: Docência, Formação de Professores e Práticas de Ensino. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 10, n. 19, p. 49-66, 31 dez. 2018.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade: e outros escritos**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação: um estudo introdutório**. 15. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

HOFFMANN, J. **Avaliar: respeitar primeiro, educar depois**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2009.

LIBÂNEO, J. C.; TOSCHI, M.S.; OLIVEIRA, J. F. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 10. Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MACHADO, Flávia Cristina. LIMA, P.W. Maria de Fátima. O Uso da Tecnologia Educacional: Um Fazer Pedagógico no Cotidiano Escolar. **SCIENTIA CUM INDUSTRIA**, V. 5, N. 2, PP. 44 — 50, 2017. Disponível em:<<file:///D:/Downloads/5280-21114-1-PB.pdf>>. Acesso em 10 de Mar de 2020.

MAGILL, R. A. **Aprendizagem Motora: conceitos e aplicações**. São Paulo: E. Bluchur 1984.

MARTINS MC. **A história prescrita e disciplinada nos currículos escolares**. Quem legitima esses saberes? Bragança Paulista: EDUSF; 2002. (Coleção Estudos CDAPH. Série História e Ciências Sociais).

MASETTO, M. T. **Atividades pedagógicas no cotidiano da sala de aula universitária: reflexões e sugestões práticas**. In: CASTANHO, S. e CASTANHO EC. (orgs.). Temas e textos em metodologia do ensino superior. Campinas, SP: Papyrus, 2001, p. 83-102.

MODROW, S. Elizabeth. SILVA, Barbosa da., Márcia. **A ESCOLA E O USO DAS TIC: limites e possibilidades**. Versão On-line ISBN 978-85-8015-076-6 Cadernos PDE. Disponível em:<[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes\\_pde/2013/2013\\_uepg\\_ped\\_artigo\\_elizabeth\\_santanna\\_modrow.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uepg_ped_artigo_elizabeth_santanna_modrow.pdf)>Acesso em 10 de Mar de 2020.

NEIRA, M. G. **Quem estamos formando? Interpretando os currículo de Licenciatura em Educação Física**. In: CORREIA, W. R; CORREIA FILHO, D. (org). Educação física escolar: docência e cotidiano. Curitiba: Editora CRV, 2010.



NUNES CMF. **Saberes docentes e formação de professores**: um breve panorama da pesquisa brasileira. Educ Soc. 2001;22:27-42

PALMA, A.P.T.V.; OLIVEIRA, A.A.B.; PALMA, J.A.V. **Educação e organização curricular: ensino fundamental, ensino médio**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

PITANO, Sandro de Castro; GHIGGI, Gomercindo. **Autoridade e liberdade na práxis educativa**: Paulo Freire e o conceito de autonomia. Saberes: revista interdisciplinar de filosofia e educação. 2009. [online] Disponível em: <http://www.periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/578/527>. Acesso em 10 de Mar de 2020.

PIZANI, J. **A formação inicial em Educação Física no estado do Paraná e o perfil dos cursos de Licenciatura e Bacharelado**. 2011. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Disponível em: <<http://www.periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/578/527>>. Acesso em 10 de março de 2020.

POZO, J. I. **Teorias cognitivas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

RESOLUÇÃO N. 11 DE 7 DE ABRIL DE 2015. Disponível em: <<http://www.enfam.jus.br/institucional/legislacao/resolucoes-da-enfam/>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, José Alcides. **Pedagogia do esporte**: jogos coletivos de invasão. São Paulo: Phorte Editora, 2009.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. 25ª edição. São Paulo; Cortez editora, 1983.

SILVA, Júlio Fenando. **Didática no Ensino Superior**: estratégias de ensino adequadas à arte de ensinar. 2018. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito/article/view/31275/17595>>. Acesso em 15 de março de 2020.

SILVA, M. V. Função docente. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VEIGA, Maria Raimunda Mendes da. **O desenvolvimento de competências e as práticas pedagógicas – que mudanças são necessárias na formação profissional?** Publicado em 2016. Disponível em: <<https://www.enfam.jus.br/wp-content/uploads/2016/05/O-desenvolvimento-de-compet%C3%A2ncias-e-as-pr%C3%A1ticas-pedag%C3%B3gicas-Raimunda-Veiga-R1A.pdf>> . Acesso em: 10 de Mar de 2020.



VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WACHOWICZ, L. A. **Avaliação e aprendizagem**. In: VEIGA, I. P. A. (org.). Lições de didática. Campinas: Papirus, 2006, p. 135-160.

ZATTI, Vicente. **Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire**. Porto Alegre: 2007.